

O MITO DOS ‘PRIMEIROS HOMENS’, DO SELVAGEM AO PRIMITIVO: A IMAGÉTICA FEMININA (UM PRIMEIRO OLHAR) (RESUMO)

por

Ana Cristina Martins¹

«A (in)visibilidade feminina na arqueologia tem centrado vários estudos dados à estampa nas últimas décadas, coincidindo *grosso modo* com as mais recentes vagas feministas, razão também pela qual são assinados, na sua maior parte, por historiadoras e historiadoras da ciência.

Ao contrário, porém, da maior parte das áreas do saber, sobretudo natural, esta temática possui, em arqueologia – como em história, de um modo geral –, uma particularidade resultante da própria natureza da disciplina, a ponto de constituir uma especificidade no seio da história da arqueologia, da história da ciência e dos próprios estudos de mulheres englobados pelos de gênero². É assim que, a par de nomes de quem contribuiu, no feminino, para a emergência, afirmação e desenvolvimento da arqueologia, a *gender archaeology* tem permitido identificar, com maior assertividade, a mulher no próprio registo arqueológico, assim como a relevância do seu papel em diferentes espaços, tempos e demais contextos. Por outras palavras, tal como sucede noutras ciências, a *gender archaeology* procura rever o preponderante discurso científico e historiográfico, não para o substituir, mas para o complementar e – alguns casos –, rectificar³.

Com efeito, o discurso pontificado, quase em exclusivo, desde o alvor da ciência arqueológica até recentemente, tem sido o masculino. Nada inusitado, se pensarmos no ambiente que o esboçou na génese Oitocentista, ao alicerçá-lo

¹ Investigadora de Pós-Doutoramento FCT / Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCT / IHC-CEHFCi-U.Évora-NOVA). ana.c.martins@zonmail.pt

² Vide, a este propósito, Evelyn Fox Keller (1985). *Reflections on Gender and Science*. New Haven and London. Yale University Press.

³ Vide, a este propósito, Margarita Díaz-Andreu e Marie Louise Sorensen (eds) (1998). *Excavating women: A history of women in European archaeology*. London. Routledge.

numa sociedade vitoriana profundamente conservadora, onde à mulher pouco mais remanesca do que o (conquanto importante) papel de filha, irmã, mulher e mãe. Por isso, também, não supreende que as narrativas verbais e imagéticas sobre o passado reflectissem essa mesma acerção. Daí que o homem surgisse, invariavelmente, como inventor, criativo e protector da prole, e a mulher executando as mesmas tarefas que lhe eram exigidas pela contemporânea sociedade burguesa ocidental. Funções que, se secundarizadas e subalternizadas à época, por serem entendidas como acriativas e não especulativas, deverão ser agora continuamente reinterpretadas pela sua imprescindibilidade no seio comunitário.

Mimetizando, ao mesmo tempo que transferindo – para melhor os enraizar na cultura e mentalidades –, estes paradigmas androcêntricos para obras impressas, de maior ou menor circulação por entre a percentagem (então) mínima de alfabetizados, os respectivos autores buscavam paralelismos (designadamente culturais) que melhor os substanciassem. Mormente, perante o assomar e o engrandecer do movimento sufragista. Mas, acima de tudo, face às inúmeras e desdobradas interrogações que vários dos materiais exumados em contexto arqueológico colocavam aos seus investigadores. Foi, assim, que, à semelhança do verificado em coevas comunidades científicas europeias, a intelectualidade portuguesa de finais de Oitocentos, inícios de Novecentos, expressou interpretações similares em escritos de autores tão variados, como Francisco Pereira da Costa (1809-1889), Joaquim Possidónio da Silva (1806-1896) e Vergílio Correia (1888-1944), para citarmos apenas estes, ao mesmo tempo que recorriam a cotejamentos etnográficos, desajustados (soube-se depois) pelo anacronismo comportado.

Como mencionado atrás (*vide supra*), a imagética evidenciou de forma mais evidente, directa e apelativa uma realidade construída anteriormente e reforçada nos *Tempos Modernos*, ilustrando, amiúde e (quantas vezes) por mão de artistas celebrizados pela história da arte, a pré-historicidade vivida diferenciadamente no masculino e no feminino. Desenhados, aguarelados, pintados ou gravados, surgem-nos quadros do quotidiano imaginado, recriado e comparado a existências extra-europeias, povoados de homens caçadores, guerreiros, pintores, escultores e fazedores de fogo, enquanto as mulheres, frequentemente sentadas e ajoelhadas, aparecem recolhendo, colhendo, cozinhando, alimentando, tecendo e cuidando dos menos protegidos.

Tratou-se, contudo, de uma visão comum também a parte significativa do século XX, mesmo que o alastrar sufragista registado após a I Guerra Mundial (1914-1918) aspirasse a outras leituras perante as vertiginosas mutações sociais registadas no Mundo Ocidental. Mas, não obstante testemunhos retirados do esteticismo Pré-Rafaelita, Arte Nova e Arte Déco, outras artes, como a cinematográfica,

pareciam robustecer modelos precedentes, antepostos à mais recente imagem da mulher autónoma e soberana do seu próprio destino, ilustrada na plenitude da sua sensualidade. Uma volúpia quase sempre arremesada maleficamente contra os parceiros ou realçada como sua qualidade restrita, para deleite do sexo oposto. Representação executada no masculino e que atravessou décadas até ser repudiada com veemência pela segunda vaga feminista, já nos anos 60, inspirada pelos dizeres Beauvoirianos e em consequência de um conjunto de episódios históricos decorrentes do segundo pós-Guerra Mundial.

São, por conseguinte, estes alguns dos pontos aflorados no nosso discurso, questionando, sempre, a força das construções identitárias, tanto no masculino, quanto no feminino, o modo como são traduzidas no nosso quotidiano, e de que forma a bibliografia mais actualizada procura sobrepujá-las – se é que o fazem –, actualizando-as – e não comutando-as –, à luz de novidades colhidas pela investigação arqueológica e de acordo com as especificidades de cada contexto histórico em que assomam. Uma análise que continuaremos a aprofundar, identificando, estudando e divulgando a arqueologia em Portugal protagonizada no feminino, e questionando, em permanência, causas e consequências das suas eventuais invisibilidades, ao mesmo tempo que a (real) existência de um modo diferenciado de praticar arqueologia, dependendo do género dos seus autores.

Abstract

The paper entitled *The myth of the 'first men', from savage to primitive: the feminine imageric (a preliminary glance)*, explores generally the way prehistoric women were mostly represented in different history and archaeological books, contextualizing its predominant masculine narratives, from the 19th century until the 60ies of the 20th century, i.e., from the pre-suffragist movement until the beginning of the second-wave feminism. In addition, it states some of the last works published by women archaeologists and historians of archaeology committed to re-analyze and re-evaluate the role of women in prehistoric times.